

FUTEBOL: AMADORISMO EM TEMPOS DE PROFISSIONALISMO¹

O amadorismo e o profissionalismo nos esportes estão relacionados às intencionalidades subjacentes a estas práticas que são atribuídas pelos “indivíduos no plural” durante o processo de esportivização. De forma geral, o primeiro enfatiza a perspectiva de lazer, tendo no prazer e divertimento seus principais objetivos; o segundo enfatiza a perspectiva do trabalho, tendo na busca de resultados e num meio de sobrevivência seus objetivos principais.

As relações entre amadorismo e profissionalismo podem ser referidas aos primórdios dos esportes. Segundo Elias & Dunning:

(...) esta mobilização dos valores amadores, com o acento tônico no prazer, como um ingrediente essencial do desporto surgiu num estádio inicial do desenvolvimento das modernas formas de desporto, num tempo em que, acima de tudo, o desporto profissional, tal como o conhecemos hoje, dificilmente existia. Então era possível a alguns homens ganhar a vida de um modo precário, como pugilistas profissionais, jogadores de críquete (ELIAS e DUNNING, 1985, p. 313).

JOANNA LESSA F. SILVA *

RESUMO

Este trabalho é parte da dissertação de mestrado “Os significados do futebol amador recifense a partir de sua interdependência com o futebol profissional”. Nele, consideramos o amadorismo e o profissionalismo como direções do processo de esportivização e, tomando o futebol amador como objeto, analisamos as especificidades desta figuração social e suas relações na cidade do Recife. Embasam este trabalho a sociologia figuracional elisiana, a noção de campo bourdesiana e estudos históricos sobre esportes e futebol.

Palavras-chave: amadorismo, profissionalismo, futebol.

ABSTRACT

This work is part of the dissertation “The Meanings of the Amateur Soccer of Recife from its interdependence with the Professional Soccer”. Here, we reflect on the amateurism and professionalism as directions of the sportivization process and taking the amateur soccer as inquiry object, we analyse the singularity of this social figuration and its relations in the Recife city. Underlie this work the Elias figurational sociology, the Bourdieu’s notion of field and historical studies about sports and football.

Keywords: amateurism, professionalism, soccer.

* Doutoranda em Sociologia, no Programa de Pós-graduação em Sociologia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Sociologia do Futebol – NESF/UFPE e do Centro de Memória dos Esportes do Nordeste.

Neste, que podemos definir como o primeiro estágio do processo de esportivização, há uma mudança da ênfase das atividades de ocupação do tempo livre, do desejo de vencer um confronto para a aspiração à vivência de uma agradável excitação prolongada (ELIAS e DUNNING, 1985). Este novo direcionamento situa-se no âmbito do amadorismo, mas, mesmo nele, encontraremos indícios de um profissionalismo. Sendo as atividades esportivas privilégio de uma pequena elite, sob esse *ethos* em que predominava o jogo propriamente dito e não a vitória, a “profissão desportiva” se desenvolve, segundo Elias e Dunning (1985), baseada na “subordinação inequívoca do profissional ao seu patrono e na total dependência

quanto aos riscos de vida que ligavam o primeiro ao último” (p. 321). Ainda segundo estes autores, o esporte como profissão², nem moral, nem socialmente, correspondia a uma ameaça à estrutura de poder da época, não sendo necessário, portanto, esconder a obtenção de benefícios por meio dos jogos esportivos, seja a partir de salários ou através das apostas com base nos resultados das disputas. O par conceitual

amadorismo / profissionalismo expressa aqui a grande desigualdade social que caracteriza esse período.

De acordo com Elias e Dunning (1985), com a industrialização e a nova configuração social inglesa teremos o desenvolvimento de um *ethos amador* numa perspectiva ideológica, ou seja, uma moral amadora que será transformada em um discurso de combate à crescente profissionalização dos novos esportes, como o rúgbi e o futebol. Um processo importante para essa ideologização é a popularização dos esportes. Ao serem apropriados pela classe média e pelas classes operárias, os esportes gradativamente começam a deixar de ser elemento de diferenciação entre as camadas sociais. As tensões que envolvem essa alteração podem ser identificadas na polarização entre os que defendem a manutenção da prática esportiva amadora, como forma apenas de divertimento, e os que defendem a prática esportiva como, além de divertimento, um meio de sobrevivência. As primeiras disputas respaldam a consideração do espaço social dos esportes como um *campo* esportivo.

A noção bourdesiana de *campo* começa a ser empregada aqui propositalmente, pois ajuda-nos a destacar esse momento dos esportes que sinaliza a autonomia do fenômeno em relação a outros. Ainda que exista um diálogo constante com outras esferas sociais, como a economia e a política, o espaço social dos esportes começa a abrigar disputas próprias nesse segundo momento do processo de esportivização que aponta para uma nova direção.

Afirma Hobsbawm (1988):

Os novos esportes abriram caminho até a classe operária, e, mesmo antes de 1914, alguns deles eram entusiasticamente

praticados por operários – havia, na Inglaterra, talvez um milhão de jogadores de futebol – que eram observados e seguidos com paixão por grandes multidões. Este fato incorporou ao esporte um critério de classe próprio, o amadorismo, ou antes a proibição ou a estrita segregação da casta dos “profissionais”. Nenhum amador poderia distinguir-se de modo genuíno nos esportes, a não ser que pudesse dedicar a eles mais tempo do que os operários dispunham exceto se fossem pagos (p. 256).

A reflexão do autor nos traz informações importantes sobre a dinâmica de um *campo* em construção. A existência de um grupo que ocupa a posição dominante, detentor de um maior capital específico e um grupo de neófitos que chega sem possuir muito desse capital. Ao contrário do que possa demonstrar a citação anterior, é importante destacar que os recém-chegados não constituem apenas os trabalhadores e operários, mas todos aqueles “não-nobres”, o que nos leva a perceber a relação direta com o contexto social da época. O que parece ser predominante grupo de principiantes é a defesa de um quadro de valores diferente para o *campo* em questão.

A realização, cada vez mais freqüente, de torneios que abrangem cidades, estados e mais tarde países, possibilita competições internas ao *campo* esportivo, por uma posição própria neste espaço. Aqueles que conquistam os melhores resultados e, mais especificamente a vitória, detêm a posição dominante. Isso nos faz refletir como, diferentemente do momento anterior, nesse novo contexto, o profissionalismo se torna uma ameaça às classes dirigentes, que em campo podem perder sua posição no *campo*. Tal situação contribui para que entrem em disputa pela posição dominante no *campo* esportivo, transformando o

ethos amador em uma ideologia.

Esta reação ideológica, entretanto, não consegue prevalecer graças à “tendência à seriedade” dos esportes destacada por Dunning (1985). A reação das elites, ao invés de contradizer esse novo direcionamento, também pode ser lida como uma demonstração dele, pois não é apenas a manutenção do divertimento como princípio que faz as elites dirigentes rejeitarem o profissionalismo, mas também a possibilidade de serem derrotadas pelos times dos “recém-chegados”. Essa nova orientação da prática esportiva para os resultados gerará, cada vez mais, a necessidade de esportistas de alto-rendimento que são obrigados a se dirigirem aos outros e a participar do esporte de maneira séria (DUNNING, 1985). O tempo livre não é mais suficiente para alcançar o rendimento necessário à vitória.

Concomitantemente, uma nova etapa se inicia no processo de esportivização dos passatempos ingleses: a difusão e popularização global. Segundo Elias (2003), práticas como o boxe, o turfe e o remo, foram difundidas, pelo mundo, para em seguida termos a chegada dos jogos com bola. É importante destacar aqui que, mesmo chegando depois de outros esportes, o futebol terá uma posição de destaque no *campo* esportivo devido a sua grande popularidade.

Essa nova etapa do processo de esportivização marca a chegada dos primeiros esportes britânicos ao Brasil, delineando-se o que chamaremos de um *campo* esportivo brasileiro. Chegando ao mesmo tempo em que alguns novos processos se desenvolvem no país – como a industrialização, a urbanização, os meios de transporte e comunicação, entre outros –, os esportes espriam-se por todo o território. No caso particular do futebol, a especificidade da realidade brasileira – de um país em adaptação à recém abolida escravidão; de economia dependente e uma revolução burguesa

tardia³, ao mesmo tempo, uma nação que se construía atenta às inovações européias – será responsável pelo desenvolvimento peculiar deste esporte que, em pouco tempo, reunirá milhares de pessoas em torno de sua prática e, em seguida, outros milhões nos torneios internacionais como o sul-americano e as copas. Esse desenvolvimento peculiar está relacionado com o que Maguire (2002) chama de “a emergência de formas mais intensas de nacionalismo e um vigoroso impulso nos processos de globalização” (p. 10)⁴.

O futebol amador chega ao Brasil...

Trazido pelos ingleses em finais de século XIX e início do século XX, o futebol vai exigir a princípio uma bola, o conhecimento das regras, um espaço e agentes predispostos a sua prática. Num primeiro momento, isto estará sob posse apenas da elite: seja representada pelos jovens que retornavam de seus estudos em universidades européias, seja por dirigentes das fábricas ou dos professores das escolas (estas existiam apenas para esta camada social). Com a popularização do futebol, teremos a formação de clubes suburbanos ou populares que consistiam naqueles formados por trabalhadores, comerciantes, entre outros indivíduos que não atendessem aos critérios da elite aristocrática do país⁵.

Com a presença dos novos clubes suburbanos, em pouco tempo, o *campo* futebolístico será marcado pelas tensões entre amadorismo e profissionalismo, transformando-se o *ethos* amador em uma ideologia, ou, pensando sob o prisma *bourdesiano*, em uma estratégia de conservação da posição ainda dominante no referido *campo*.

A organização dos clubes em Ligas que visavam à manutenção de competições, dinâmica própria do *campo* futebolístico, a princípio respondia à necessidade de distinção entre os diversos clubes

que surgiam; aos poucos, apareciam, assim, espaços de afirmação da tendência à seriedade dos esportes, agregando as equipes que tinham desempenho destacado. As resistências estarão sempre presentes. A criação de divisões demarca a necessidade de diferenciação. Os clubes suburbanos poderiam permanecer na Liga, mas não “misturados” aos clubes de elite.

Com a crescente seriedade, como uma tendência dos esportes de forma geral (ELIAS e DUNNING, 1985), a busca pela vitória e pelos resultados trará um ponto de vantagem aos recém-chegados. Emerge a necessidade de atletas cada vez mais preparados e treinados, não sendo suficiente o tempo livre de que dispunham os amadores para alcançar a vitória, que em certo momento terá sua representatividade relacionada não a um clube, mas a uma nação⁶. O processo de esportivização, que no Brasil se direciona ao futebol amador, em pouco tempo tomará uma nova direção: o futebol profissional.

Ao mesmo tempo em que equipes como o Bangu possibilitam a entrada de trabalhadores, o destaque destes em campo gera premiações e contrapartidas que, aos poucos, vão se tornando mais frequentes e algumas se relacionam à transferência do tempo de trabalho na fábrica para o tempo de trabalho em campo. A busca pela vitória por parte dos clubes vai abrindo espaço ao exercício do futebol como um meio de sobrevivência, com grande resistência.

O momento histórico que destaca a disputa entre amadores e profissionais está na vitória do Vasco da Gama, em 1923, na primeira divisão do campeonato da Liga carioca, considerado o primeiro clube de “profissionais” a vencer um campeonato (LOPES 1994; 1998, SANTOS NETO, 2002). Segundo Pereira (2000),

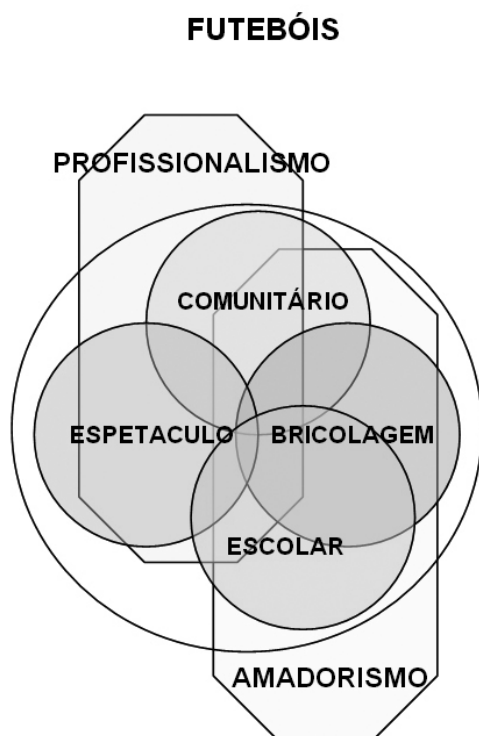
(...) O Vasco levava a campo uma equipe que não correspondia ao padrão social de

seus sócios. Radicalizando um impulso que já se fazia presente em muitos outros clubes da liga, o clube montava uma equipe composta por atletas que, ao contrário do que seria o padrão entre os amadores que disputavam até então o campeonato, faziam claramente do futebol sua profissão. Dedicando-se integralmente ao esporte, os jogadores – muitos deles negros – conseguiam grande vantagem sobre os adversários, que dividiam seus afazeres entre a bola e o trabalho, sagrando-se campeões naquele ano após uma vitória contra o São Cristóvão (p. 309).

A catarse desta contenda se dará na efetivação do atleta como profissional na legislação trabalhista aprovada no governo Vargas.

Futebol x futebolis

A realidade atual do futebol é estudada também por Damo (2003, 2007). Este autor considera a existência de “futebolis”, a partir de quatro matrizes básicas: a bricolada, a comunitária, a escolar e a espetacularizada ou profissional. Conforme o raciocínio de Damo, dispondo-se tais matrizes em termos da predominância entre profissionalismo e amadorismo, elas podem ser pensadas da forma explicitada graficamente na ilustração 1, a seguir:



Esta ilustração, longe de almejar a reprodução de um modelo equivalente à realidade social, busca demonstrar as relações de continuidade e ruptura que se estabelecem entre as várias matrizes a partir de uma análise que considera o par conceitual profissionalismo e amadorismo. As primeiras são evidenciadas com base nas intersecções e as segundas nas ausências.

Segundo Damo (2007), por futebol de bricolagem,

(...) são compreendidas as configurações nas quais se admite as mais diversas variações a partir da “unidade futebolística”. Como não há agências para controlá-lo, não há limites para a invenção e/ou adequação de códigos situacionais, destacando-se, sobretudo, as distorções em relação ao football association (p. 40).

Em nossa ilustração, a bricolagem está posicionada em intersecção com todas as matrizes, mas num espaço predominantemente amador.

Como futebol escolar, Damo (2007) “considera aquele futebol praticado nas escolas, integrado aos conteúdos da educação física, como parte das disciplinas legalmente constituídas” (p. 37); acrescentamos a isso, o futebol praticado nas “escolinhas esportivas” dentro das escolas e que possuem uma dinâmica própria de organização e campeonatos específicos entre as instituições educativas. Na ilustração, a matriz escolar se posiciona predominantemente no amadorismo, mas numa dimensão menor que a bricolada, ainda que estabeleça com essa matriz mais relações do que com as outras.

A matriz espetacularizada ou de alto-rendimento é caracterizada por Damo (2007) de forma geral, por particularidades dentre as quais três se destacam: a organização monopolista, globalizada e centralizada através da Fifa-IB⁷; a divisão social do trabalho, dentro e fora de campo aliada à distinção clara e precisa entre quem pratica e assiste; e a excelência performática exigida dos participantes. Essa matriz representada na ilustração como aquela na qual predomina o profissionalismo, pode ser considerada a que servirá de modelo para as demais, tendo em vista o sentido do processo de esportivização em seu estágio atual. Assim, as intersecções entre as matrizes, neste caso, correspondem não só ao ponto de contato entre os distintos espaços de figurações humanas, mas também à maior ou menor preocupação com o modelo que o sentido do processo indica.

Desta reflexão chegamos, propositalmente por último, à matriz denominada por Damo (2007) de *comunitária*. Segundo ele, esta matriz seria caracterizada pela “presença de quase todos os componentes do espetáculo, mas diferindo em escala. A divisão social

do trabalho não é nula, mas é precária” (p. 45). O autor define essa matriz como um futebol intermediário entre o espetacularizado e o bricolado. Em nossa ilustração, o futebol comunitário está posicionado como o segundo espaço em que o profissionalismo é predominante. Isso porque este futebol, também chamado de amador, possui na realidade social brasileira⁸ algumas configurações muito próximas do profissional. Na realidade pernambucana que acompanhamos durante a realização da pesquisa, por exemplo, alguns times da segunda divisão do futebol profissional apresentam diferenças pouco perceptíveis, se comparados ao futebol amador. Questões como espaço físico (os considerados estádios, mas que podem ser mais bem visualizados se dissermos campos de várzea com sede), organização clubística (desde as questões documentais como estatuto e atas, até a existência de um grupo de dirigentes) e existência de várias equipes (com as subdivisões específicas tais como: infantil, juvenil, adulto e veterano; este último predominante das equipes amadoras), entre outras, retém características bastante similares nas duas matrizes.

Dos futebolis amadores

Nascido das elites e fruto de um processo de difusão complexo, o futebol brasileiro tem sua origem ligada à intermediação de agentes os mais diversos: marinheiros, técnicos de ferrovias, operários de minas, professores dos estabelecimentos educacionais das colônias inglesas, jovens bacharéis egressos das universidades européias, missionários europeus, etc. Esta diversidade se manifesta na construção histórico-social deste esporte, que em pouco tempo se populariza, tornando-se uma das grandes paixões brasileiras. Ao longo de seu desenvolvimento neste

território, o futebol é praticado em diferentes formas, que se consolidarão no cotidiano das cidades, entre elas, o que hoje convencionamos chamar de Futebol Amador.

Este futebol caracteriza-se pela sua prática não-profissional, realizada em campos localizados nas ‘várzeas’ e/ou outros espaços disponíveis nas cidades, com uma organização predominantemente local. Seu surgimento está vinculado à profissionalização do futebol e sua permanência na cidade acontece apesar da disputa pelos espaços e da monopolização estética de um futebol profissional e de espetáculo.

Fazendo um passeio pela cidade do Recife, encontraremos o futebol amador principalmente nos campos concentrados na periferia, apertados entre os barracos e as casas populares e atraindo vasta e diversa platéia: feitos de areia ou barro, com arquibancadas ou não, vestiários apertados (quando existem), alambrados emendados e, em alguns casos, iluminação. Apesar de reduzido – se comparado ao que foi no passado –, e de os campos deixarem de se localizar nos espaços centrais da cidade, o futebol amador continua a existir principalmente nas áreas onde reside a população mais pobre e que acaba tendo nele uma de suas poucas práticas de lazer. Neste sentido, muito mais do que o “oposto ao profissional”, nosso trabalho identifica o futebol amador como uma “figuração social” diversa e dinâmica.

A idéia central do conceito de *figuração social* (ELIAS, 2005) está no seu aspecto relacional em que transparecem as múltiplas relações existentes entre os indivíduos, de forma interdependente. Mantendo o movimento próprio da dinâmica social – já que a idéia de figuração denota uma formação em contínua mudança –, Elias pretende nos mostrar como a idéia de indivíduos (indivíduo no plural) está interligada com a idéia de sociedade.

Como um conceito bastante elástico, ele alcança os vários tipos de relações possíveis (seja de união, seja de oposição) e pode ser aplicado para os mais diversos grupos sociais; desde um grupo de quatro pessoas jogando cartas até uma nação inteira que abriga milhões de indivíduos. Formadas apenas por indivíduos (por isso sociais), as figurações sociais são flexíveis à noção de tempo. Em permanente movimento, as figurações sociais podem durar mais, ou menos, de acordo com sua consolidação na realidade social.

Considerando o futebol amador como uma figuração social, e com isso, diversa e dinâmica, este trabalho demonstra a maneira como uma forma específica de praticar o futebol (destacando aqui não só a realização do jogo, mas as várias relações necessárias para um determinado tipo de prática), que entendemos como um dos possíveis futebolis amadores existentes, se consolidou na cidade do Recife.

Longe de querer definir o futebol amador de maneira simples, este trabalho demonstra sua diversidade, sua heterogeneidade no contexto social, a partir das inúmeras figurações que coexistem sob o nome de futebol amador, e de uma análise de sua posição quando pensamos o futebol de forma geral.

Como vimos anteriormente, segundo Damo (2007), temos alguns tipos de prática do futebol que podemos analisar como uma matriz *comunitária*. O autor define tal matriz como um futebol intermediário entre o espetacularizado e o bricolado. Usualmente, pode ser chamada pelo nome abrangente de “futebol amador”, por não possuir a característica destacada anteriormente da relação de trabalho institucionalizada. A denominação diferenciada que o autor emprega justifica-se pela existência de outras matrizes que, igualmente, podem ser consideradas amadoras, tendo em vista que nelas também não se estabelecem necessariamente relações formais de trabalho. Por

outro lado, é importante percebermos que o termo “comunitária” destaca um território específico da cidade onde geralmente encontraremos esse futebol: as comunidades. Assim, a matriz comunitária abrange um conjunto de *figurações sociais* do futebol que têm uma história própria – que se propaga de forma oral, documental e iconográfica –, ocupa territórios específicos na cidade – em geral, são comunidades da periferia – e é construída por diferentes grupos agregados em torno do futebol, pelos mais diferentes motivos e de forma organizada.

Rede de contatos e relações no futebol amador recifense

Neste trabalho, tendo como base teórica o conceito de *figurações sociais*, buscamos identificar o mais próximo possível uma parte da figuração social que forma o futebol amador hoje. Procuramos fazer isso a partir da construção de uma “rede de contatos” durante a investigação com as equipes anteriormente descritas.

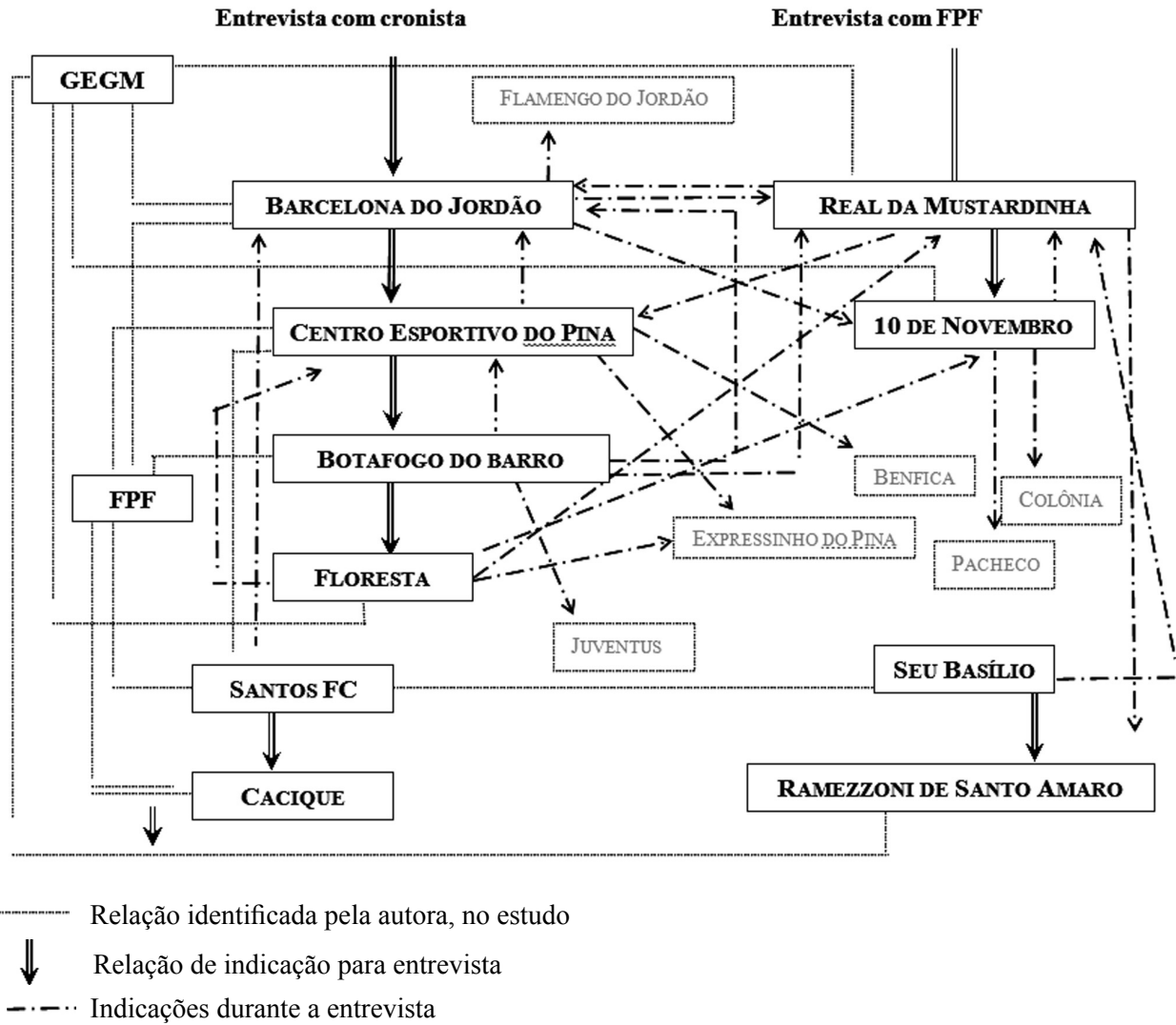
Vejamos a definição de *figuração*, segundo Elias (2005), a partir da analogia com um jogo de futebol.

Tomando como exemplo o futebol, podemos ver que uma configuração é uma estrutura de jogo que pode ter uma hierarquia de várias relações de “eu” e “ele”, “nós” ou “eles”. Torna-se evidente que dois grupos de adversários, que têm entre si uma relação de “nós” e de “eles”, formam uma configuração singular. Só podemos compreender o fluxo constante do agrupamento dos jogadores de um dos lados, se virmos que o grupo de jogadores do outro lado também está num fluxo constante. Se se pretende que os espectadores compreendam e gostem do jogo, terão que estar

aptos a compreender o modo como estão relacionadas as disposições mutáveis de

cada lado – para seguir a configuração fluida de cada uma das equipas (p. 142).

Ilustração 2 - Rede de Contatos



Fonte: quadro elaborado pela autora deste trabalho.

Neste estudo, somos os espectadores que precisamos conhecer como estão relacionadas as várias disposições mutáveis que formam o futebol amador. A diferença é que num nível mais estrutural – que Elias (2005) enfatiza que não deve deixar de ser compreendida como uma formação de indivíduos – a

mutabilidade se apresenta num padrão de tempo diferenciado. E é a partir das várias relações exemplificadas pelo autor – “eu” e “ele”, “nós” e “eles” – que daremos prosseguimento ao nosso estudo.

A análise empreendida neste trabalho parte de uma figuração específica que se forma entre grupos

que nas suas relações formam o que denominamos de futebol amador. A “rede de contatos” consiste na forma que utilizamos para selecionar as equipes a serem entrevistadas, com o objetivo de materializar, na pesquisa empírica, as características do nosso referencial de análise, que se baseia na teoria elisiana. Partindo do conceito de figurações sociais, a “rede de contatos” funcionou como uma reconstrução da figuração (ou parte dela) que nas relações entre equipes/clubes formados pelos indivíduos é edificada, e aqui convençionalmente chamamos de futebol amador.

Neste sentido, partindo do relato do primeiro entrevistado, que mencionou um time de várzea muito organizado, demos início à rede. O prosseguimento de sua constituição ocorreu a partir da entrevista com cada equipe. Em grande parte, durante a entrevista, os entrevistados citaram times com os quais tinham alguma relação. Em cada entrevista, escolhíamos um dos times que se destacava na conversa e buscávamos o contato.

Ressalte-se que, nesse contexto, as relações foram consideradas um dado a ser organizado e analisado. O motivo da indicação e a forma como foi indicado foram também registrados e transformados em objeto de análise, sendo importantes para a construção da rede de contatos. Assim, formamos uma teia que procura aproximar-se da figuração social que hoje formam entre si os indivíduos no meio futebolístico amador, e que deve ser lida à luz de um momento histórico-social específico, respeitando, assim, a idéia do movimento como parte da natureza humana – e conseqüentemente social –, tão importante à teoria elisiana.

Os motivos para a indicação surgiram durante a conversa, falando-se de organização, de destaque, de amizade, dando um exemplo, ou, em último caso, pelo pedido da pesquisadora.

Em um primeiro momento, em nossa investigação, buscamos analisar a rede de contatos construída durante o trabalho de campo com as equipes, a partir das lideranças de times, de forma que nos permitisse perceber as principais relações que se dão na dinâmica da figuração do futebol amador recifense atual. Solicitando a indicação de outras equipes, ou apenas explorando um comentário espontâneo durante a entrevista, foi possível identificar algumas dessas relações. Entre as principais, destacamos:

- Rivalidade
- Respeito ao tempo / tradição
- Admiração pelo bom desempenho nos campeonatos
- Amizade

Nenhuma delas aparece desconectada das outras; há um sentido de predominância. É importante ressaltar que as relações tratadas, aqui, são aquelas que se dão entre os grupos a partir, principalmente, do ponto de vista dos dirigentes e/ou responsáveis pelos clubes amadores.

Segundo Elias (2005), ao exemplificar o conceito de configuração a partir de quatro indivíduos num jogo de cartas, “a interdependência dos jogadores, que é uma condição prévia para que formem uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados ou de adversários” (p. 143). Em nossa investigação, numa perspectiva de análise mais estrutural, prevaleceram nas relações interdependências de aliados. Às indicações e às menções aos clubes no estudo subjaz a idéia de algum tipo de parceria, pois os comentários eram sempre favoráveis. Existiu uma tendência nas entrevistas a valorizar os clubes parceiros e a não mencionar aqueles com os quais houvesse algum tipo de relação desagradável. Mesmo provocadas, as lideranças preferiram evitar fazer comentários sobre equipes com as quais estabeleciam relações pouco

amistosas. Assim, mesmo que durante um jogo essas equipes tenham sido adversárias, no contexto mais geral, no momento do estudo, elas apresentaram relações de aliadas. Isto nos remete diretamente à primeira relação: a rivalidade.

Esta relação é considerada como parte inerente ao futebol, existindo na realidade em duas formas: uma rivalidade sadia e uma “outra” rivalidade – que seria “não-sadia”. A rivalidade sadia está relacionada à rivalidade em campo, à disputa entre as equipes, à vontade de ganhar, e a uma “violência permitida” – que seriam ações como xingamentos, gritos, e discussões durante o momento de jogo. A “outra” rivalidade está ligada a uma “violência não-permitida”, que extrapola os limites do que é considerado sadio. Esta está diretamente relacionada a atitudes de violência física como agressões e brigas.

Segundo os dirigentes, a rivalidade é mais forte entre os times do mesmo bairro, que disputam o reconhecimento da mesma comunidade. Pudemos perceber que é mais forte naqueles clubes que têm uma relação com a comunidade fortalecida, que se legitimam no meio futebolístico não só pelo seu desempenho em jogo, mas pela sua popularidade, pela sua capacidade de mobilização. Já em clubes cuja interação com a comunidade é tênue ou nula, a relação com times do mesmo bairro é menos tensa. Também foi possível perceber que a priorização de diferentes espaços de competição (por exemplo, o Campeonato da Federação, em detrimento do Campeonato da Prefeitura) surge como um elemento apaziguador da rivalidade. Assim, por exemplo, os clubes entrevistados, Botafogo e Floresta, que fazem parte do mesmo bairro (Barro) e disputam campeonatos diferentes tendem a possuir menos rivalidade do que o Real da Mustardinha e outros times da mesma região que disputam o Campeonato de Futebol Participativo

(organizado pela Prefeitura).

A segunda relação a ser destacada é o respeito ao tempo de existência e à tradição. Ela aparece, sobretudo, nos times “mais antigos”, como uma marca importante, principalmente ao se considerar a rotatividade⁹ de times do futebol amador. A idéia de manter um clube amador está presente em todas as falas como algo difícil e que exige muito trabalho e sacrifício. Assim, ter um clube com 60, 70 anos de existência é considerado, por si só, uma grande vitória e um elemento de reconhecimento.

A terceira – a admiração pelo bom desempenho nos campeonatos – é parte do futebol de forma geral e esteve presente, permanentemente, neste estudo, agregada a outras relações. Aqueles times que se mantêm entre os primeiros colocados nas competições são reconhecidos por isso. Tal reconhecimento ultrapassa a relação temporal. Assim, aqueles clubes que foram campeões ou estiveram entre os primeiros colocados nas competições durante um período de tempo acumulam certo prestígio; quanto maior esse tempo, maior o reconhecimento. A proximidade temporal é um fator importante, mas, com base nesta investigação, não nos é possível precisar até quantos anos de distância isso é considerado. Temos o exemplo do clube 10 de Novembro que não disputa a categoria “Adulto” desde 2006, mas é lembrado pelos seus destaques “de outrora”.

A quarta é a amizade. A relação amigável entre duas equipes – principalmente na relação entre seus dirigentes – parece estabelecer um padrão de reconhecimento, tendo em vista que esta de forma geral é uma relação muito enfatizada no futebol amador e que tem estreita relação com o surgimento das equipes e sua manutenção. A amizade é parte da rivalidade sadia que vimos anteriormente. Com ela, garante-se certo controle de violência durante o jogo

e as celebrações posteriores, as quais algumas vezes – principalmente nos amistosos – são realizadas em conjunto. Além disso, a amizade é responsável pelo aumento da teia de relações que cada equipe desenvolve, ampliando a atuação das equipes, que extrapolam os limites territoriais do bairro, muitas vezes, das cidades e até mesmo do Estado.

Esses quatro tipos de relações nos permitem conhecer um pouco de como se constitui a figuração social do futebol amador. As próprias relações demonstram a dependência existente da figura do “outro” para a figuração existir. Desta forma, corroboramos o que Elias nos traz como “interdependência”. Aqui, não existe uma dependência apenas de um indivíduo para com o outro, mas também de um grupo de indivíduos em relação a outro. A interdependência, como forma de entendimento mais amplo, reforça a compreensão da sociedade de forma dinâmica.

No caso do Futebol Amador, a figuração só existe pela relação de interdependência entre os indivíduos. Estes só formam uma figuração por causa das ligações sociais (ELIAS, 2005). As ligações não são boas ou ruins; elas existem e conservam os “laços invisíveis” que asseguram figurações sociais de maior permanência, entre elas, as formadas pelo Futebol Amador.

Para tentar concluir...

Como um processo social de longa duração, e que no Brasil se desenvolve no início do século passado, é possível dizer que o direcionamento ao profissionalismo ainda está se consolidando nos dias de hoje. Uma série de mudanças e construções vai ocorrendo, aliada à dinâmica do próprio jogo, como a função de espetáculo, desenvolvida concomitante ao processo de profissionalização. O amadorismo não desaparece, mas ele não mais predomina nas figurações sociais

futebolísticas.

Esta ruptura entre amadores e profissionais faz parte de um processo mais complexo que incorpora também continuidades, a que vimos chamando até o momento de processo de esportivização. Ligados por uma prática – no caso deste trabalho, o futebol –, ambos (amadores e profissionais) estão, no momento atual, submetidos ao novo sentido do processo de esportivização: o profissionalismo. E, ocupando posições diferenciadas no *campo* em questão, vão lutando ora pela manutenção, ora pela mudança da posição ocupada.

No caso do futebol amador, encontramos uma mudança significativa na sua estrutura. O futebol amador deixa de ser uma prática predominante das elites para ser uma prática predominante das classes populares; sua forma de organização se inspira na profissional, mas ela se desenvolve com menos recursos. Enquanto os clubes profissionais seguem uma institucionalização crescente (regras, leis que regem a prática esportiva e a organização clubística, etc.), os clubes amadores seguem as regras institucionalizadas, de acordo com suas condições materiais, mas também de acordo com as relações sociais que se estabelecem entre os indivíduos que formam a teia de interdependência do futebol amador.

Notas

- 1 Algumas reflexões deste trabalho foram publicadas no livro *Escrito sobre Norbert Elias 2* (no prelo).
- 2 A idéia de profissão aqui está mais ligada à idéia de ofício, ocupação do que ao conceito de profissão tal como é visto nos estudos sociológicos atuais. Segundo Diniz (2001), uma definição “mínima” do termo profissão seria: “ocupações não-manuais que requerem funcionalmente para seu exercício um alto nível de educação formal usualmente testado em exames e confirmado por algum tipo de credencial” (p. 18).
- 3 As especificidades da realidade brasileira podem ser apro-

- fundadas na obra: Fernandes, F. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. São Paulo: Globo, 2006.
- 4 Tradução da autora, do original: “the emergence of intense forms of nationalism and a spurt in globalisation processes”.
 - 5 As informações sobre a história do futebol, sua difusão e adoção no Brasil são baseadas nas obras dos historiadores Pereira (2000), Santos Neto (2002), Franco Júnior (2007) e Couceiro (2003).
 - 6 Os estudos históricos costumam referir-se à construção do selecionado (equipe) brasileiro e à crescente identificação social do brasileiro com o futebol. Algumas das análises realizadas sobre este processo e as possíveis razões para o desenvolvimento do futebol como “identidade da nação” podem ser encontradas nos estudos de Guedes (1977, 1998) e Negreiros (2003).
 - 7 *Federation International of Football Association e International Board*, instituições responsáveis pela organização do futebol em âmbito mundial, sendo esta última específica para as alterações do jogo propriamente dito.
 - 8 É importante destacar a ênfase na realidade brasileira porque, como mostra Damo (2007), o futebol amador na realidade francesa possui outro formato, sendo fortemente supervisionado pelo Estado e fazendo parte do chamado “futebol oficial”, que é aquele que está sob a organização da FIFA. No Brasil, a supervisão pelo Estado ainda é muito inferior ao significado do futebol no país. Fazem parte do “futebol oficial” os clubes profissionais, não havendo nacionalmente a preocupação com o futebol amador (em alguns casos específicos, as federações estaduais consideram a existência do futebol amador realizando atividades direcionadas). Algumas fontes de informações: Confederação Brasileira de Futebol (CBF) – www.cbf.com.br, Federação Pernambucana de Futebol (FPF) – www.fpf-pe.com.br e Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FFERJ) – www.fferj.com.br.
 - 9 Esta rotatividade está principalmente relacionada à morte do responsável, de forma mais forte no caso dos times que se organizam com um dono e não com um corpo de dirigentes – ainda assim podendo ser repassado, como no caso do Santos F. C.. Aqueles que se organizam por dirigentes e têm uma estrutura física construída tendem a se desfazer quando os dirigentes perdem o interesse e permitem que seja desfeito. Contudo, se tiverem marcado a história da comunidade, podem ser retomados mais tarde, como no exemplo do Floresta. Um time extinto indicado na rede é o Expressinho do Pina.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, P. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa/São Paulo: Difel/Bertrand Brasil, 1989, p. 59-74.
- BOURDIEU, P. Algunas propiedades de los campos. In: BOURDIEU, P. *Sociología y cultura*. México: Conaculta, 1990b, p. 135-141.
- BOURDIEU, P. Alta costura e alta cultura. In: BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983, p. 154-161.
- BOURDIEU, P. Programa para uma Sociologia dos Esportes. In: BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990a, p. 207-220.
- DAMO, A. S. *Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.
- DAMO, A. S. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**. Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-156, 2003.
- DINIZ, M. *Os donos do saber: profissões e monopólios profissionais*. Rio de Janeiro: Revan, 2001.
- DUNNING, E. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: ELIAS, N. e DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1985, p. 299-325.
- ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ELIAS, N. *Escritos & Ensaios 1: Estado, processo, opinião pública*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- ELIAS, N. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2005.
- ELIAS, N. The genesis of sport as a sociological problem. In: DUNNING, E. e DOMINIC, M. *Sport: critical concepts in sociology*. London: Routledge, 2003, p. 102-126.

FUTEBOL: AMADORISMO EM TEMPOS DE PROFISSIONALISMO

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1985.

HOBSBAWM, E. J. *A era dos impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LOPES, J. S. L. A vitória do futebol que incorporou a pelada. *Revista da USP, Dossiê: Futebol*, São Paulo, n. 22, p. 65-83, 1994.

LOPES, J. S. L. Futebol 'mestiço': história de sucessos e contradições. *Ciência hoje*, 1998. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/images/ch%20on-line/especial/futebol/artigo1.rtf>>. Acesso em: 27 de outubro de 2008.

MAGUIRE, J. A. *Sport worlds: a sociological perspective*. Human Kinetics, 2002.

NEGREIROS, P. J.L. de C. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. *História: Questões & debates*, Curitiba, Editora UFPR, n. 39, p. 121-151, 2003. Disponível em: <<http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/view/2727/2264>>. Acesso em: 27 de outubro de 2008.

PEREIRA, L. A. de M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro: 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SANTOSNETO, J. M. dos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

(Recebido para publicação em janeiro de 2011. Aceito em abril/11).